



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Semana traz dados de atividade do Brasil e das principais economias do mundo

**Na agenda doméstica, mercado monitora os dados de atividade econômica de agosto para calibrar as expectativas para o desempenho do PIB no 3º trimestre.** O IBGE divulga os números do setor de serviços na terça (17) e do comércio na quarta (18). O setor de serviços deve se manter como o mais dinâmico da economia e avançar 0,4% em agosto, a 4ª alta mensal seguida, deixando um carregamento de 1,4% para o 3º trimestre. Já as vendas no varejo (ampliado) devem recuar 0,8% no mês, deixando uma herança de ligeiro recuo no setor no 3º tri, de -0,1%. A semana ainda traz o resultado do IBC-Br, *proxy* mensal do PIB calculada pelo Banco Central. O resultado será divulgado na quinta (19), e, diante do desempenho esperado para os grandes setores, o mercado projeta queda de 0,4%, também deixando um carregamento negativo para 3º trimestre, de -0,3%.

**Em relação à inflação, o IGP-10 de outubro deve mostrar aceleração dos preços no atacado, mas ainda mantendo uma dinâmica benigna.** O indicador será divulgado pela FGV na terça (17), e deve subir 0,40% no mês (ante 0,18% em setembro), pressionado pelos produtos industriais no atacado. Em 12 meses, o índice deve passar de -6,35% para -4,99%.

**No cenário internacional, serão divulgados os dados de atividade das principais economias do mundo, com destaque para o PIB do 3º trimestre da China, na terça (17).** O mercado aguarda uma expansão de 4,5% ante o mesmo período do ano anterior, sinalizando uma desaceleração ante o 2T23 (+6,3%). O resultado deve reforçar a leitura de perda de ímpeto da atividade econômica do país, que tem sofrido com a crise no setor imobiliário e com as incertezas no mercado de trabalho, que pesam sobre o consumo. No mesmo dia, serão conhecidos os dados de setembro da indústria e do varejo. Já na quinta (19), o Banco Central chinês (PBoC) decide as taxas prime de empréstimo para 1 e 5 anos, que devem se manter em 3,45% aa e 4,20% aa, nesta ordem. Sem novos estímulos, o mercado deve manter o tom de cautela quanto ao desempenho da economia chinesa.

**Nos EUA, a semana também traz dados de atividade, com os números de setembro da produção industrial e das vendas no varejo conhecidos na terça (17).** A produção industrial deve ficar estável no mês, após alta de 0,4% em ago/23, enquanto as vendas no varejo devem subir 0,3% (ante +0,6%). Apesar de alguma acomodação na margem, a economia americana deve seguir apontando resiliência, sem sinais de recessão, o que reforça a leitura de taxas de juros altas por mais tempo no país, além de deixar em aberto as apostas de uma alta adicional. Já os números do setor imobiliário serão conhecidos na quarta (18) e na quinta (19). A semana também dá sequência à divulgação dos resultados do setor bancário no país, com os balanços do Bank of America e Goldman Sachs referentes ao 3º trimestre que serão divulgados na terça (17). A expectativa é de lucro líquido de US\$ 6,61 bi (6,7% em 12 meses) e de US\$ 1,97 bi (-35,8% em 12 meses), respectivamente. A próxima edição do boletim trará uma análise detalhada dos principais *players* do setor bancário norte-americano.

Na Zona do Euro, destaque para a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de setembro, que deve seguir a leitura preliminar e desacelerar para 4,3% nos últimos 12 meses (ante 5,2% em ago/23). O indicador será divulgado na quinta (19).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/out	FGV: IGP-10	Out/23	0,40% m/m -4,99% a/a	0,18% m/m -6,35% a/a
17/out	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Ago/23	0,4% m/m 2,9% a/a	0,5% m/m 3,5% a/a
18/out	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Ago/23	-0,8% m/m 4,7% a/a	-0,3% m/m 6,6% a/a
19/out	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Ago/23	-0,4% m/m 1,5% a/a	0,4% m/m 0,7% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/out	EUA	Vendas no varejo	Set/23	0,3% m/m	0,6% m/m
17/out	EUA	Produção Industrial	Set/23	0,0% m/m	0,4% m/m
17/out	China	PIB	3º tri/23	4,5% a/a	6,3% a/a
17/out	China	Vendas no varejo	Set/23	4,9% a/a	4,6% a/a
17/out	China	Produção Industrial	Set/23	4,4% a/a	4,5% a/a
18/out	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Set/23 – final	4,3% a/a	5,2% a/a
18/out	EUA	Construções de casas novas	Set/23	7,6% m/m	-11,3% m/m
18/out	EUA	Alvarás para novas construções	Set/23	-5,4% m/m	6,8% m/m
19/out	EUA	Vendas de casas existentes	Set/23	-4,0% m/m	-0,7% m/m
19/out	China	PBoC - Taxas Prime de 1 ano e 5 anos	Out/23	3,45% aa / 4,20%	3,45% aa / 4,20% aa

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Inflação vem melhor do que o esperado, mas não o suficiente para alterar ritmo de corte da Selic

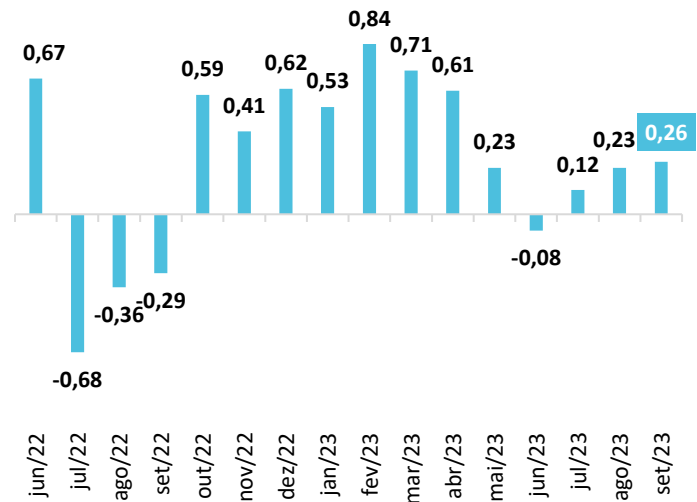
A inflação (IPCA) surpreendeu positivamente ao subir 0,26% em setembro, abaixo do esperado pelo mercado (0,34%), deixando um viés baixista para a projeção do fim do ano, que poderá convergir para o teto da meta (4,75%). A leitura também mostrou uma surpresa benigna em termos qualitativos, especialmente nas métricas mais sensíveis à política monetária, embora sem apresentar uma melhora substancial do cenário. Assim, a despeito do tom positivo, o resultado não deve alterar o plano de vôo do Copom, que deve manter o ritmo de corte da Selic em 0,50 pp nas próximas reuniões.

No mês, o maior impacto individual veio da gasolina, que subiu 2,80% e foi responsável por quase metade (48,9%) da inflação de setembro. A forte alta refletiu o reajuste autorizado pela Petrobras, que também pressionou o preço do óleo diesel (+10,11%). Também pesou a alta das passagens aéreas (+13,47%), devolvendo o recuo observado no mês anterior (-11,69%). Na outra ponta, os preços dos alimentos no domicílio seguiram em deflação (-1,02%) pelo quarto mês seguido, com queda disseminada nos itens *in natura* e nas proteínas, contribuindo com -0,16 pp para a taxa do mês.

Em 12 meses, o indicador acelerou de 4,61% para 5,19%, novamente explicado pelo efeito-base (exclusão das leituras que contemplaram as desonerações dos combustíveis e energia no 3T22), mas que deve suavizar a partir de outubro, contribuindo para que o indicador volte a desacelerar na métrica interanual nas próximas divulgações.

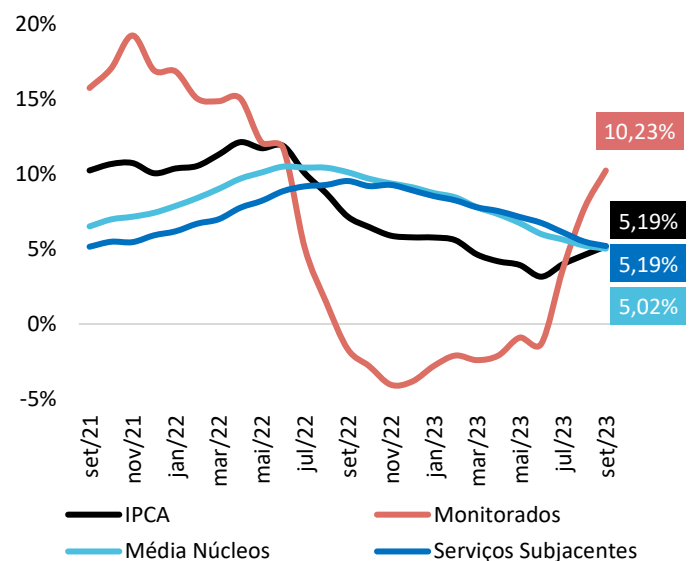
No geral, além de uma variação mais contida no mês, o resultado veio qualitativamente melhor do que o esperado. A inflação se mostrou menos espalhada, com o coeficiente de difusão (% de itens em alta) recuando para 42,7%, menor patamar desde jul/17 (41,8%). Mais importante, a leitura seguiu mostrando desaceleração das métricas mais sensíveis ao ciclo monetário, com a média dos núcleos recuando de 5,22% para 5,02%, enquanto a inflação de serviços subjacentes, medida que o Banco Central tem acompanhado de perto para conduzir a taxa básica de juros, recuou de 5,49% para 5,19%. Em conjunto, o cenário dá conforto para que o BC siga com o processo de flexibilização monetária, mas não o suficiente para acelerar o ritmo de ajuste da Selic.

Quadro 1: IPCA – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Medidas Subjacentes – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Guerra em Israel preocupa os mercados, mas resultados dos bancos dão suporte às bolsas

A semana foi marcada pelos agentes avaliando as consequências da guerra no Oriente Médio e monitorando o risco de uma invasão terrestre em Gaza por Israel. Os preços do petróleo subiram em meio aos riscos do conflito desestabilizar a região e afetar a oferta da *commodity*, além das sanções dos EUA sobre o petróleo russo. No entanto, os balanços dos principais bancos americanos deram suporte às bolsas, com alguns índices fechando a semana com ganhos.

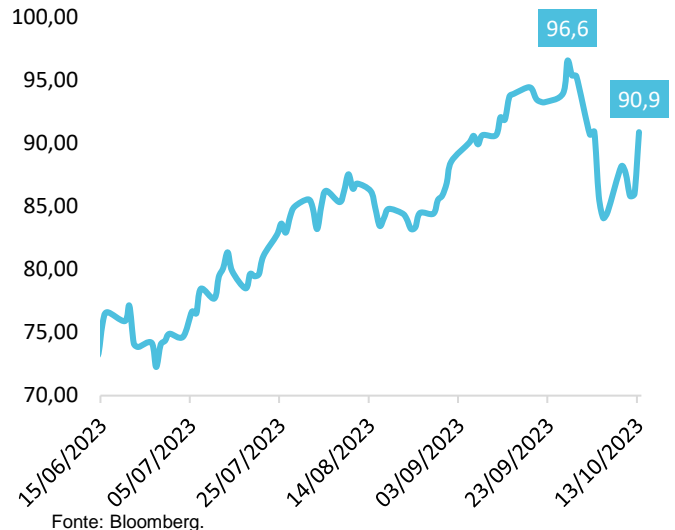
Os bancos superaram as expectativas do mercado no 3T23, se beneficiando de juros maiores que elevaram suas receitas e lucros no período. O JP Morgan, maior deles, lucrou US\$ 13,2 bi, alta de 35% ante o 3T23, especialmente em função de maiores receitas (+22%) e recuo da PDD (-10%). O lucro do Wells Fargo foi de US\$ 5,8 bi, com forte alta no período (+61%), enquanto o Citi lucrou US\$ 3,5 bi (+2%).

Enquanto isso, os dados de inflação ao consumidor (CPI) nos EUA não alteraram a percepção do mercado de que a inflação segue desacelerando lentamente. O CPI subiu 0,4% em setembro, um pouco acima do esperado (+0,3%), mas abaixo do mês anterior (+0,6%). A alta foi puxada pelos derivados do petróleo, como óleo combustível (+8,5%) e gasolina (+2,1%). Em 12 meses, o índice se manteve estável em 3,7%. Já o núcleo do indicador, que desconsidera itens de alimentos e energia, veio em linha com o esperado e subiu 0,3% no mês, ainda pressionado pelo preço dos aluguéis (+0,6%). Em base anual, o núcleo voltou a registrar acomodação, de 4,3% para 4,1%.

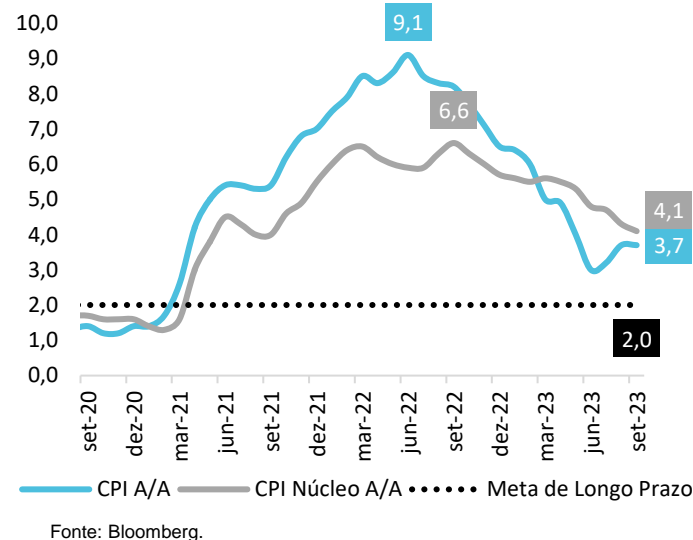
A semana também trouxe a ata da reunião de setembro do Fomc/Fed, quando os *Fed Funds* (taxa básica de juros dos EUA) permaneceram inalterados entre 5,25% e 5,50% aa. O documento não trouxe grandes novidades e voltou a reforçar que a atividade está resiliente, mesmo com o patamar restritivo dos juros. A ata mostrou que os dirigentes ainda se mostram divididos se precisarão aumentar ou não as taxas de juros este ano, ainda aguardando mais dados para ter clareza sobre a dinâmica da inflação. Com isso, a ata sugere que os juros se manterão em níveis restritivos por um período prolongado, pelo menos “até que o comitê esteja confiante de que a inflação esteja caindo de forma sustentável” para o seu objetivo de 2%.

Na China, tanto as exportações quanto as importações caíram 6,2% em setembro, na comparação anual. Apesar do recuo, o resultado representa um ritmo de contração menor para as duas métricas. Mesmo assim, o desempenho fraco segue reforçando a perspectiva de crescimento mais contido do país no ano.

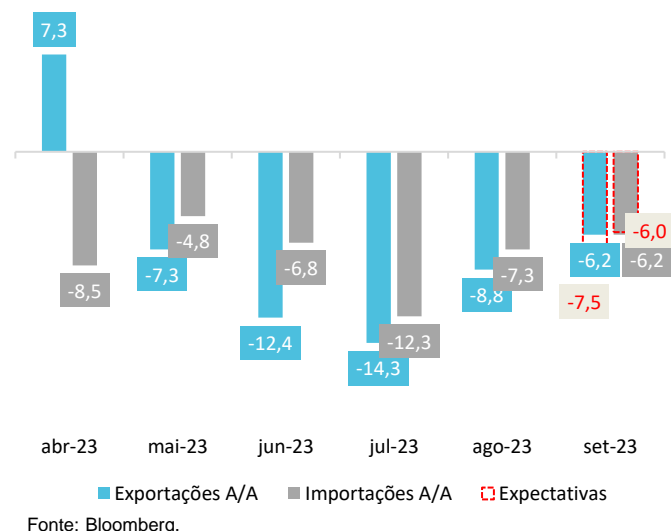
**Quadro 3: Preço do barril de Petróleo (tipo Brent) Em US\$**



**Quadro 4: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a**



**Quadro 5: China – Exportações e Importações Var. % ante o mesmo mês do ano anterior**



## Projeções World Economic Outlook – FMI – Out/23

O FMI manteve inalterada a expectativa de crescimento da economia global em 3,0% em 2023 e reduziu para 2,9% a expansão esperada para 2024 (ante 3,0%, no relatório anterior). As projeções estão bem abaixo do crescimento médio observado nos últimos anos, de 3,8% durante 2000-19 (pré-pandemia).

Efeitos de longo prazo da pandemia e da guerra na Ucrânia, bem como o aperto da política monetária para combater a inflação e a redução dos incentivos fiscais devido à alta dívida dos governos, retardam o ritmo de recuperação da economia global. Assim, a expectativa é de que o ritmo de crescimento siga acomodando, após registrar expansão de 3,5% em 2022. O FMI destaca que o pior momento parece ter sido no 4º trimestre de 2022, embora a expectativa seja de que, em algumas das principais economias, o patamar mais baixo seja atingido apenas no 2º semestre de 2023.

As economias avançadas continuam impulsionando a redução do crescimento médio anual entre 2022 e 2023, com o melhor desempenho do setor de serviços compensado por uma indústria de transformação fragilizada e por fatores específicos. Neste sentido, após registrarem alta de 2,6% em 2022, a projeção é de crescimento de apenas 1,5% em 2023 e de 1,4% em 2024. Esta desaceleração deve ocorrer em 90% das economias avançadas, especialmente na Zona do Euro, cujo crescimento deve recuar de 3,3% em 2022 para 0,7% em 2023. Já nos EUA, os resultados acima do esperado têm levado a uma revisão positiva nas projeções, de +0,3 pp em 2023 e de +0,5 pp em 2024. Assim, a economia americana deve manter o crescimento de 2,1% em 2023 (mesmo de 2022) e avançar 1,5% em 2024. De acordo com o Fundo, o melhor desempenho tem refletido o forte volume de

investimento e a resiliência do consumo, sustentado por um mercado de trabalho ainda apertado. No entanto, o esgotamento da poupança acumulada durante a pandemia e a política monetária restritiva do Fed devem gerar alguma desaceleração no 2º semestre de 2023 e em 2024.

Os mercados emergentes, por sua vez, devem registrar um crescimento praticamente estável entre 2022 e 2024 (de 4,1% em 2022 para 4,0% em 2023 e 2024), com uma ligeira recuperação em 2025, embora com mudanças consideráveis entre regiões. Na China, a projeção foi revista para baixo em 0,2 pp para 2023 e em 0,3 pp para 2024 (para 5,0% e 4,2%, respectivamente), pressionada pelos problemas do mercado imobiliário. Na América Latina, o crescimento esperado é de 2,3% em 2023, abaixo dos 4,1% registrados em 2022. O recuo reflete uma normalização do crescimento, políticas mais restritivas, ambiente externo mais fraco e preços mais baixos das *commodities*. No caso do Brasil, as projeções ante o relatório anterior subiram 1,0 pp e 0,3 pp para 2023 e 2024, respectivamente, após dados do PIB acima do esperado, com forte desempenho do setor agro, resiliência do setor de serviços na primeira metade de 2023 e consumo ainda forte, beneficiado por políticas de estímulo. A expansão esperada do FMI para a economia brasileira é de 3,1% para 2023 e de 1,5% em 2024.

Em resumo, o FMI segue projetando crescimentos modestos para os próximos anos, em função de um crescimento baixo em importantes economias, volatilidade nos preços das *commodities*, incertezas quanto aos riscos de choques geopolíticos e persistência dos núcleos de inflação em patamares elevados.

**Quadro 6: Projeções FMI – World Economic Outlook (Out/23)**

	Efetivo	Projeções FMI		Diferença para WEO de Jul/23	
	2022	2023	2024	2023	2024
<b>Mundo</b>	<b>3,5</b>	<b>3,0</b>	<b>2,9</b>	<b>0,0</b>	<b>-0,1</b>
Economias Avançadas	2,6	1,5	1,4	0,0	0,0
EUA	2,1	2,1	1,5	0,3	0,5
Zona do Euro	3,3	0,7	1,2	-0,2	-0,3
Reino Unido	4,1	0,5	0,6	0,1	-0,4
Emergentes	4,1	4,0	4,0	0,0	-0,1
China	3,0	5,0	4,2	-0,2	-0,3
Rússia	-2,1	2,2	1,1	0,7	-0,2
América Latina e Caribe	4,1	2,3	2,3	0,4	0,1
<b>Brasil</b>	<b>2,9</b>	<b>3,1</b>	<b>1,5</b>	<b>1,0</b>	<b>0,3</b>
México	3,9	3,2	2,1	0,6	0,6

Fonte: FMI.

## Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Set/23

## CRÉDITO / BANCOS

A Anbima divulgou que o volume de emissões no mercado de capitais doméstico somou R\$ 57,1 bilhões em setembro, o melhor resultado para um único mês no ano de 2023. O montante corresponde a altas de 45,2% ante o mês anterior e 23,1% ante o mesmo mês em 2022.

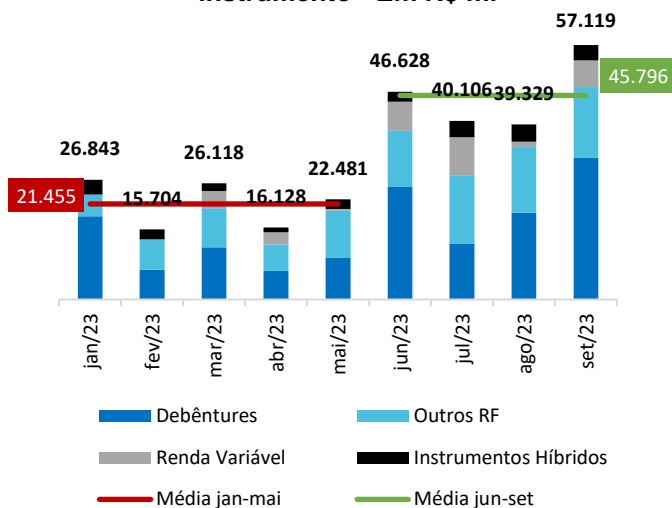
O resultado de setembro reforça os sinais de retomada do mercado de capitais, que tem se beneficiado de um cenário macroeconômico mais positivo (especialmente da redução do risco fiscal) e do início do ciclo de queda da taxa Selic. A recuperação fica clara quando comparamos com os números dos últimos quatro meses, em que o volume médio mensal ficou em R\$ 45,8 bi, bem acima da média dos meses de janeiro a maio, que foi de apenas R\$ 21,5 bi (pico do stress pós-Americanas e Light).

O bom desempenho no mês foi disseminado entre os instrumentos, com destaque para as debêntures, que tem se mantido como a principal fonte de captação de recursos das empresas no mercado de capitais. No caso, o volume de debêntures somou R\$ 31,8 bi em setembro, correspondendo a 56% do total colocado no mês e o maior aporte mensal do instrumento em 2023. A renda variável também registrou melhora notável em setembro, somando R\$ 6,0 bi em volume de emissão, ante R\$ 1,2 bi no mês anterior. A modalidade segue impulsionada pelas operações de follow-on (oferta secundária de ações), ainda sem registrar IPOs (novas empresas na bolsa) desde o início do ano passado. Os demais instrumentos de renda fixa (CRA, CRI, FIDC e Notas Comerciais) também mostraram bom desempenho no mês (+8,3%), enquanto a exceção veio dos instrumentos híbridos (FIIs e Fiagros), cujas emissões recuaram 12,3% em setembro.

Apesar da melhora recente, os números no acumulado do ano ainda são fracos. As emissões somam R\$ 290,5 bi entre janeiro e setembro, valor 28,0% menor que o registrado no mesmo período do ano passado (R\$ 403,5 bi). A queda ocorre nos principais instrumentos, em função do período adverso para o mercado no início do ano, com exceção dos instrumentos híbridos.

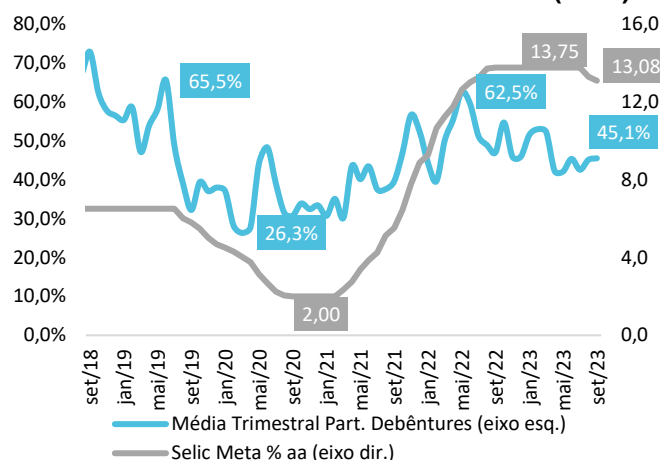
Em resumo, o mercado de capitais vem mostrando melhora, beneficiado pela redução do risco fiscal e pelo início do processo de flexibilização monetária. Ainda assim, o movimento de recuperação se mostra gradual e concentrado nas debêntures e nos demais instrumentos de renda fixa, com o mercado ainda cauteloso para retomar a oferta de IPOs, por exemplo, que deve ganhar impulso apenas em 2024.

**Quadro 7: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi**



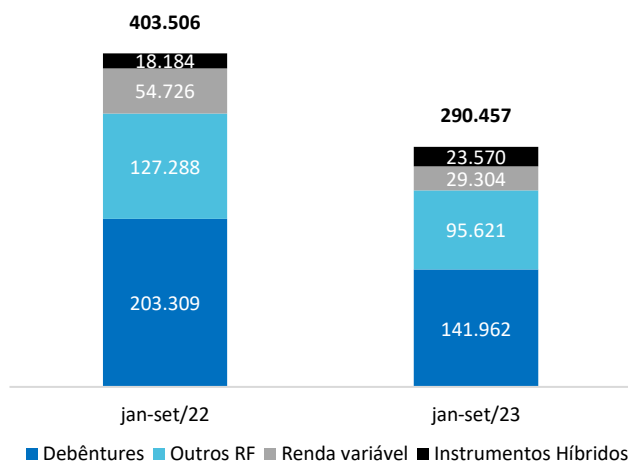
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 8: Média Trimestral da part. (%) das Debêntures no volume total e Taxa Selic (% aa)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais Acum. no ano por instrumento - Em R\$ mi**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.





## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	13/10/23	06/10/23	15/09/23	Viés	13/10/23	06/10/23	15/09/23	Viés
IPCA (%)	4,75	4,86	4,86	▼	3,88	3,88	3,86	↔
PIB (% de crescimento)	2,92	2,92	2,89	↔	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	9,00	9,00	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	4,95	↔	5,05	5,02	5,00	▲

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	13/10/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,08	-1,31%	0,88%	-3,82%	-3,51%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	185,00	-3,86%	-1,54%	-27,18%	-39,24%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,48	-0,70%	-1,40%	-8,63%	-8,70%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,13	0,41%	0,92%	-16,99%	-15,25%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,43	-1,02%	1,41%	-9,45%	-1,29%
Índice Ibovespa (em pontos)	115.754,08	1,39%	-0,70%	5,49%	1,27%
IFNC (setor financeiro)	11.383,66	-0,57%	0,15%	11,02%	0,94%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	69,23%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	5,05	-0,54%	0,20%	14,19%	13,23%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,61	-3,93%	0,90%	19,04%	16,96%
Dollar Index	106,65	0,57%	0,45%	3,02%	-5,09%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.327,78	0,45%	0,93%	12,72%	17,93%
Índice de ações de bancos – EUA	85,29	-2,19%	-2,98%	-25,24%	-28,47%
Índice Euro Stoxx 50	4.136,12	-0,20%	-0,92%	9,03%	23,01%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	109,73	-1,22%	-1,90%	14,47%	36,26%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	90,89	7,46%	-4,64%	5,80%	-3,89%

Fonte: Bloomberg

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira